

NARRATIVAS DO CONE SUL

Maria Antonieta Pereira

Hay cierta ventaja, a veces, en no estar en el centro.

Mirar las cosas desde un lugar levemente marginal.

Ricardo Piglia

Esse lugar, teoricamente, tem muitas vantagens (...) nem todos os produtos periféricos são periféricos.

Silviano Santiago

Em "A trama celeste" (BIOY CASARES, 1995), o narrador informa o desaparecimento do capitão Irineo Morris e do médico Carlos Alberto Servian, ambos funcionários da aviação argentina. Logo a seguir, transcreve "As aventuras do Capitão Morris", onde estão narradas as incríveis peripécias do aviador que, por acidente, penetra noutra dimensão, num mundo paralelo onde Cartago venceu Roma, fato que define a existência de uma Buenos Aires diferente da que conhecemos. A partir dessa hipotética mutação histórica, o conto funciona como uma reflexão paradigmática sobre as categorias nacional/estrangeiro. Segundo o narrador, "Irineo é tranqüilamente argentino e ignora e desdenha por igual todos os estrangeiros. Até em sua aparência é tipicamente argentino (alguns o acreditam sul-americano)". Entretanto, ao despertar ferido no Hospital Militar de Buenos Aires, Morris é considerado estrangeiro, talvez uruguaio, provavelmente espião. O piloto que tanto desdenhava os estrangeiros admite ter sofrido, na pátria, "o desamparo que sentem os que visitam outros países" e, para não ser condenado à morte, assume a nacionalidade uruguaia, explicando-se: "Me consolava pensando que para mim um uruguaio não é estrangeiro." Ao final do relato, o narrador considera que há infinitos mundos paralelos, embora todos os viajantes sempre cheguem a Buenos Aires. Apesar disso, o destino de Morris acaba sendo refugiar-se no Brasil.

O conto de Bioy Casares problematiza certas questões de identidade nacional típicas do Cone Sul. Isso se torna claro não só quando se mostra a possibilidade de um argentino ser considerado estrangeiro em seu próprio país, mas também quando o protagonista admite dividir sua nacionalidade com os uruguaios ou ainda quando ele encontra refúgio numa fazenda brasileira. Noutras palavras, à medida que o texto indica a existência de uma cultura rioplatense que irmana argentinos, uruguaios e brasileiros, ele também considera o Brasil como espaço de diferença radical. No mesmo movimento em que o Uruguai é pensado como uma espécie de província argentina, a estância brasileira é tão estrangeira que oferece asilo a um portenho fora-da-lei. Negando e reconhecendo os limites da nação, o conto revela como a mesclagem transnacional inutiliza certas demarcações geográficas, ao mesmo tempo em que erige e contesta as fronteiras culturais.

As questões identitárias dessa região são também tematizadas no romance *Dinheiro queimado* (PIGLIA, 1998) cuja trama baseia-se numa história real, ocorrida entre 27 de setembro e 6 de novembro de 1965, quando uma quadrilha assalta um banco na província de Buenos Aires. Composto por Malito, Gaucho Dorda, Cuervo Mereles e Nene Brignone, o bando desenvolve um audacioso plano de fuga cujo roteiro passa por Montevideú, inclui a travessia para o Brasil e pretende terminar em Nova York. Ao longo do relato, os cruzamentos rioplatenses voltam à tona, seja quando a cultura gauchesca é evocada através do personagem Dorda, seja quando esse figurante atribui ao portenho Nando o rosto de um charrua uruguaio. Nesse relato, mais uma vez, o Brasil figura como território estrangeiro em oposição a uma América Hispânica regida pelas leis da semelhança. Tal como no conto de Bioy Casares, os bandidos estarão a salvo se conseguirem penetrar no

sul do país. Nesse caso, do ponto de vista da América Espanhola, o Brasil passa a configurar o lugar da fuga e do exílio - por um lado, permite a sobrevivência daquele que está à margem da sociedade, por outro, colabora involuntariamente para seu desterro. Além disso, o país vai sendo referido como um espaço utópico, a partir do qual os assaltantes poderiam acessar o grande sonho norte-americano do poder e da riqueza, através da máfia porto-riquenha de Nova York. As breves alusões ao Brasil vão, contudo, transformando as utopias em atopias: evocado por traços que o denotam como espaço de prazer e liberdade, o país se torna cada vez mais distante e fantasioso. Assim, ir à boate num carro de chapa brasileira ou tomar cerveja brasileira configuram a remissão metonímica ao local que poderia servir de trampolim para o centro do mundo, mas que jamais será alcançado pelos fugitivos.

Quando Ricardo Piglia esteve no Brasil para o lançamento de *Dinheiro queimado*, perguntei-lhe porque, nessa obra e no conto de Bioy Casares, os bandidos sempre procuravam fugir para o Brasil. O escritor riu, como se eu tivesse contado uma piada, mas não vacilou em responder:

Porque há outra língua, não? Porque o país está na fronteira conosco, mas tem outra língua. E dá a sensação de ser outro mundo, outra cultura. Não é a mesma coisa que ir para o Uruguai, para a Bolívia ou para o Peru. A outra língua é muito atraente como um universo de diferença pura, mesmo sendo uma língua próxima como é o português. E há outra coisa que me parece importante, no Brasil, que é a presença da cultura afro, da cultura negra, que também o converte na imagem do diferente, para o Rio da Prata. É como uma viagem no tempo, uma viagem a território místico, de aventuras, com um imaginário múltiplo. (PIGLIA, 1999. p. 63)

Na fala do escritor argentino, a diferença idiomática seria o fator preponderante para se distinguir o que é estrangeiro. De tal forma isso é ressaltado que Uruguai, Peru e Bolívia são citados como uma espécie de segunda pátria. A radicalidade da diferença lingüística desdobra-se na cultura negra do Brasil, por sua vez traduzida pelas idéias de viagem, multiplicidade, imaginação. Nessa mesma entrevista, Piglia considerou que o Brasil poderia ser visto como “um lugar onde se vai buscar uma espécie de essência latino-americana” (1999. p. 64). Curiosamente, no imaginário brasileiro, muitas vezes a “essência latino-americana” só pode ser encontrada na América Espanhola, o que nos leva a pensar que, sob tal rubrica, existe apenas o espaço vazio do desejo que convoca a todos nós, mercosulinos, a buscar na linguagem do outro a narrativa de nós mesmos.

Em um dos mais importantes de seus contos, ao suspeitar que o Aleph da Rua Garay era falso, Jorge Luis Borges também se refere ao Brasil de forma peculiar:

Por 1867, o capitão Burton exerceu o cargo de cônsul britânico no Brasil; em julho de 1942, Pedro Henríquez Ureña descobriu numa biblioteca de Santos um manuscrito seu que versava sobre o espelho que atribui o Oriente a Inskandar Zu al-Karnayn, ou Alexandre Bicornes da Macedônia. Em seu cristal refletia-se o universo inteiro. Burton mencionava outros artifícios semelhantes - o sétuplo cálice de Kai Josru, o espelho que Tarik Benzeyad encontrou numa torre (*Mil e Uma Noites*, 272), o espelho que Luciano de Samosata pôde examinar na lua (*História Verdadeira*, I, 26), a lança especular que o primeiro livro do Satiricon de Capella atribui a Júpiter, o espelho universal de Merlin, “redondo e oco e semelhante a um mundo de vidro” (*The Faerie Queene*, III, 2, 19) (...)

(BORGES, 1982. p.127-128)

É sintomático o fato de Borges situar no Brasil, numa biblioteca de Santos, um manuscrito que trata do Aleph e que, nesse sentido, utiliza uma simbologia tão cara à sua

obra, naquilo que ela significa enquanto resgate arqueológico-cultural. Conjugando símbolos típicos do Oriente a datas, nomes e títulos precisos, o conto borgiano instiga a memória arquetípica do leitor e, assim, forja um cenário familiar e estranho, próprio à imagem fantástica do Aleph. A localização do manuscrito de Burton em terras brasileiras, associada à descrição minuciosa de objetos encantatórios pertencentes a culturas ancestrais, sugere que o país participa de um rol de imagens fabulosas, longínquas e enigmáticas, fato que confirma sua condição de espaço estrangeiro.

No entanto, uma visão bem diferente do Brasil é apresentada no conto “O preço do amor” (PIGLIA, 1989). Nesse relato, o personagem Esteban reclama com Adela o fato de tê-la visto na companhia de um brasileiro “safado”, cuja nacionalidade pôde ser deduzida pelo jeito do homem andar na rua. Remetendo a uma questão real do cotidiano - de fato, o modo de andar de brasileiros e argentinos é muito diferente - Esteban aborda também as pequenas rivalidades freqüentemente presentes nas relações Brasil/Argentina. Nessa mesma perspectiva, desenvolve-se o romance *Bernabé! Bernabé!* (MATOS, 1995) onde se discute a configuração da nacionalidade uruguaia, a partir dos confusos episódios de Salsipuedes e Yacaré-Cururú, nos quais, respectivamente, são assassinados os índios charruas e Bernabé Rivera. Ao longo do relato não se poupam críticas ao Império Brasileiro e à Confederação Argentina, responsáveis, segundo o narrador, pela apropriação de terras e rebanhos uruguaio. No Brasil, discussão semelhante é proposta pelo romance *A grande arte* (FONSECA, 1990), ao apresentar o índio boliviano Camilo Fuentes, cujo pai teria sido morto na fronteira por um brasileiro. Indignado com a usurpação de território boliviano pelo Brasil e por outras razões ainda mais obscuras, Fuentes rejeita solenemente os brasileiros.

Se a literatura hispânica da região percebe o Brasil como o mais estrangeiro dos países do Cone Sul – e, muitas vezes, como um país imperialista - do ponto de vista brasileiro todas as nações latino-americanas são, lingüística e culturalmente, diferentes dele. Além disso, o fenômeno da estraneidade encontra-se dentro do próprio território nacional. Convivendo com intensa mistura étnica e cultural, o país desenvolve um olhar habituado à dessemelhança, ao mesmo tempo em que se sabe incapaz de conhecer profundamente a si mesmo. As grandes extensões territoriais, as diversidades regionais e as dificuldades econômicas contribuem para que a identidade nacional vacile, ao longo das vastas fronteiras geográficas, mesclando-se a práticas e linguagens típicas da América Hispânica. Contudo, a consciência de sua própria diferença é tão intensa que, no Brasil, expressões do tipo “literatura latino-americana” freqüentemente funcionam como sinônimo de “literatura de língua espanhola”, não servindo, portanto, para nomear a própria literatura brasileira sobre a qual, diga-se de passagem, não temos dúvida de que se localiza na América Latina. Num gesto paradoxal, usamos com freqüência e relativa facilidade a língua espanhola escrita e falada e, de comum acordo com nossos vizinhos, inventamos o *portunhol*, idioma da fronteira feito de mesclagens e retalhos de sentido que instaura uma permanente atividade tradutória e cooperativa no Cone Sul.

Além das trocas culturais realizadas nos espaços fronteiros, a literatura e a teoria literária do Brasil discutem e adotam vários conceitos propostos pelo pensamento crítico do Cone Sul, especialmente da Argentina e do Uruguai. Algumas concepções veiculadas amplamente pela ficção e pela crítica borgianas foram de tal forma apropriadas pela poética e pela ensaística de autores brasileiros que hoje fazem parte do acervo comum da cultura nacional. O exemplo mais significativo dessa interação se encontra na obra do escritor brasileiro Silviano Santiago. Leitor de Borges desde os anos 50, mais tarde, ele fará a mesclagem do *aleph* com as noções oriundas do debate desenvolvido por John Barth sobre a exaustão da literatura e com os conceitos veiculados pela desconstrução proposta por Derrida. São dessa época as reflexões que levaram a dois de seus mais importantes ensaios - “Eça, autor de *Madame Bovary*” e o “Entre-lugar do discurso latino-americano”. Em ambos

os textos, Santiago utiliza o conceito borgiano de eleição dos precursores, colaborando para que a crítica literária brasileira desenvolvesse reflexões sobre a tradição literária do país, num contexto em que a proposta de ruptura da Modernidade não era mais uma força, mas uma forma canonizada. Na ensaística de Santiago, a desconfiança antropofágica, que indica o *entre-lugar do discurso* como um espaço de combate simbólico, expressa a mesma perspectiva presente no conceito de *mirada estrábica* de Ricardo Piglia. As intervenções de ambos os escritores caracterizam-nos como cidadãos transnacionais, cujas preocupações vão delimitando uma região que não se constitui pelo grande espaço chamado América Latina e tampouco se limita às fronteiras nacionais. O estrabismo do olhar e o entre-lugar do discurso constituem posturas ideológico-estéticas próprias de um contexto em que a poética de Borges, inventora de origens e de alianças culturais, colabora para o desenvolvimento do conceito de *Sul* enquanto espaço de mesclagens, conflitos e rearticulações discursivas, fato que indiretamente tematiza a própria idéia de *Cone Sul*. Descendentes de uma tradição ao mesmo tempo européia e indígena - e, no caso do Brasil, também africana - Santiago e Piglia desenvolvem uma memória textual seletiva e dialógica, em constante debate com a sombra da crítica e da releitura que a sustentam. A consciência de ultrapassagem das fronteiras nacionais apresenta-se no uso do comentário e da citação, em que pastiche e paródia permitem a apropriação da memória alheia européia ou norteamericana.

Nesse sentido, ambos os autores reescrevem fatos decisivos da História nacional ou regional, abordados dentro da estratégia dessacralizadora de uma perspectiva do cotidiano, a partir da tematização de aspectos biográficos, autobiográficos ou relativos à historiografia literária. Enquanto narrativa que pretende ressignificar a experiência de escritura, as obras de Piglia e Santiago permitem o surgimento do ponto de vista dos vencidos e, nesse sentido, reelaboram os rastros de narrativas recalcadas transformando-os em espaço de emergência de outras possibilidades identitárias. Assim, os autores retomam os controvertidos temas da traição política, do homoerotismo, da loucura, da velhice, do anarquismo, da prostituição feminina e masculina, do escritor fracassado, do ladrão de palavras, do censor, do perverso e do assassino. Nesse contexto, as obras apresentam a pátria como uma construção de linguagem que, recomeçando indefinidamente, por isso mesmo suscita os diálogos supranacionais que, de uma forma ou de outra, sempre estiveram presentes no imaginário do Sul.

Entretanto, como lembra Ricardo Piglia, não podemos pensar a “América Latina com um modelo da nação futura a *la Bolívar*, todos unidos etc.” (1997). O reconhecimento das diferenças nacionais e das convergências de interesses supranacionais exige o investimento em políticas regionais que reforcem o comércio de signos já existente no Cone Sul. Herdeiros de trocas significativas - como as desenvolvidas entre Ángel Rama e Antonio Candido, que resultaram em importantes teorizações sobre o caráter periférico das literaturas latino-americanas (PIZARRO, 1993. p. 249) - escritores e teóricos desenvolvem novas reflexões sobre o Sul do continente, de forma a desdobrar a recusa do binarismo Norte-Sul, através da invenção de identidades regionais. Entre o global e o local, a idéia de Cone Sul aos poucos vai se definindo como uma estratégia discursiva que favorece a migração de linguagens, idiomas e sentidos e, assim, permite formas de pertencimento a um espaço “de significação descentrada, aberto a modalidades distintas de atuação narrativa” (MIRANDA, 1998).

Talvez as mais interessantes decorrências dessas propostas identitárias sejam os conceitos elaborados na região, para se pensar a região e o mundo. Para isso, concorrem os *estudos culturais* de Beatriz Sarlo, o conceito de *nosotros* de Hugo Achugar, o *não-lugar* da literatura de Eneida Maria de Souza e a retomada do conceito de *margem*, por Silvano Santiago e Ricardo Piglia. Enquanto “espaço de escrita e reflexão que é, na sua excentricidade histórica e geográfica, metonímia da condição sócio-cultural periférica no

processo de mundialização da economia” (SANTIAGO, 1999) o conceito de margem desenvolvido por Santiago remete a um lugar preciso, facilmente identificável por sua exclusão dos grandes centros europeus e norte-americanos. Contudo, ao mesmo tempo, a idéia também se refere a um lugar atópico, cujo estado de virtualidade configura a potência necessária para desencadear uma produção teórico-ficcional pertinente. Quanto a Ricardo Piglia, sua concepção de *margem* procede de uma reflexão sobre as *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino, reduzidas a cinco pela morte do autor. Pergunta Piglia: “Qual seria a sexta proposta não escrita para o próximo milênio? E qual seria essa proposta escrita a partir de Buenos Aires, escrita a partir desse subúrbio do mundo?” E responde: “Me parece que a proposta para o próximo milênio que eu acrescentaria às de Calvino seria [a] idéia de deslocamento e de distância (...), a mudança de lugar. Sair do centro, deixar que a linguagem fale também na borda, no que se ouve, no que vem de outro.” (PIGLIA, 1999). As reflexões de Piglia, no mesmo gesto, suplementam as propostas de Calvino e praticam aquilo que propõem: definem a *margem* a partir da *margem*. Essa linguagem descentrada e performática talvez seja a principal contribuição dos escritores-críticos do Cone Sul, no sentido de se pensar a literatura do próximo milênio.

Referências bibliográficas:

- ACHUGAR, Hugo. *Integración y escenarios culturales*. In: ACHUGAR, Hugo, CAETANO, Gerardo (org.). *Mundo, región, aldea*. Montevideo: Trilce, 1994.
- BIOY CASARES, Adolfo. *La trama celeste*. In: CAPANNA, Pablo. *El cuento argentino de ciencia ficción - antología*. Buenos Aires: Ediciones Nuevo Siglo, 1995.
- BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad. de Flávio J. Cardoso. Porto Alegre: Globo, 1982.
- FONSECA, Rubem. *A grande arte*. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MATTOS, Tomás de. *Bernabé, Bernabé!* 2. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1995.
- MIRANDA, Wander Melo. *Local/global*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1998.
- PIGLIA, Ricardo. *Prisão perpétua*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- PIGLIA, Ricardo. *Dinheiro queimado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PIGLIA, Ricardo. Entrevista realizada por Maria Antonieta Pereira. Estado de Minas. Belo Horizonte, 19 jul. 1997. Caderno Pensar.
- PIGLIA, Ricardo. Entrevista com Ricardo Piglia. In: PEREIRA, Maria Antonieta, SANTOS, Luis Alberto B. Santos. *Palavras ao sul - seis escritores latino-americanos contemporâneos*. Belo Horizonte: Autêntica/FALE, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99.
- PIZARRO, Ana. *Angel Rama: a lição intelectual latino-americana*. In: CHIAPPINI, Lúcia, AGUIAR, Flávio Wolf de. (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos - ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. *Silviano Santiago, no corpo da escrita. Entrevista realizada por Maria Antonieta Pereira e Cleide Simões*. Minas Gerais. Belo Horizonte, n. 1168, ano XXIV, 3 ago. 1991. Suplemento literário.
- SANTIAGO, Silviano. *Entrevista realizada por Maria Antonieta Pereira*. Minas Gerais. Belo Horizonte, n. 53, nov. 1999. Suplemento literário.
- SANTIAGO, Silviano. Texto inédito. 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. *O não-lugar da literatura*. In: VASCONCELOS, Maurício Salles, COELHO, Haydée Ribeiro. *1000 rastros rápidos - cultura e milênio*. Belo Horizonte: Autêntica/FALE, 1999.